

Antonio Carlos Gomes da Costa

Para onde vai a sala de aula?

Se aceitamos a ideia de educação pluridimensional contida no Relatório Jacques Delors, a indagação que intitula estas linhas não é descabida. Nêle, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a conhecer nos são apresentados como os quatro pilares da educação. De que modo pensar a sala de aula como espaço diante da magnitude dessa tarefa?

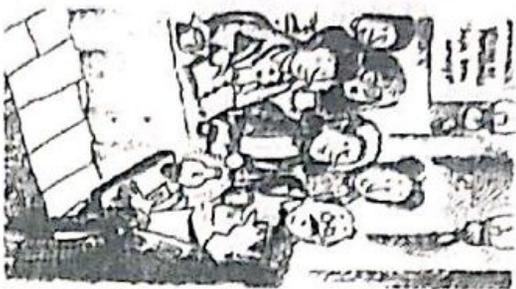
Antes de tentar responder a essa indagação, lembro-me de Bernardo Toro e sua afirmativa de que, assim como a consulta é uma das possibilidades de ação do médico, a aula é uma das possibilidades — não a única — de ação do professor. Na prática — nós bem o sabemos — as coisas se passam como se a docência fosse mesmo quase que a única possibilidade séria de educar. Faz poucos anos, o excesso de atividades extracurriculares foi denunciado como um perigoso desvio a ser evitado nas escolas, uma vez que — tal como estavam organizadas — tais atividades serviam mesmo era de substituto precário da atividade docente.

Claudio Moura Castro, por sua vez, apresentou excelente critério para avaliar as políticas educacionais: Trata-se de indagar: as mudanças estão efetivamente chegando à sala de aula? E, em caso positivo, qual o seu impacto? Política educacional que não chega à sala de aula simplesmente não merece existir.

No estágio atual da educação brasileira, creio que o fundamental é melhorar a sala de aula, pois ela é, hoje, o palco do que um conhecido líder árabe chamou de "a mãe de todas as batalhas": no nosso caso, a batalha contra o ensino de má qualidade, cuja expressão numérica é a repetência, a "evação" e a defasagem idade/série.

É isso o que se está fazendo em Minas. É isso que o MEC está apontando como caminho. É nisso que todos os estados e municípios que levam a sério a educação estão empenhados. Melhorar a sala de aula do ensino fundamental é — como diz João Batista Araújo e Oliveira — uma das condições para o Brasil poder entrar de cabeça erguida no século XXI.

Consultor para a área de educação e ação social para os Direitos da Criança e do Adolescente e diretor-presidente da Modus Faciendi - Desenvolvimento Social e Ação Educativa.



Gostaria, no entanto, de aproveitar o espaço desse artigo para lançar um olhar sobre o futuro e retomar a indagação inicial: Para onde vai a sala de aula? Responder a essa questão equivale a perguntar: qual será o espaço e o peso da sala de aula na escola do futuro?

Creio que não será o mesmo de hoje. Será menor. A sala de aula é expressão de uma escola que tem como atividade central (quase monopolizadora) a aula expositiva e, como unidade básica de organização, a turma.

Embora fundamentais, hoje, para assegurar educação de qualidade para todos, essas formas de ação e organização deverão ser profundamente revistas nos próximos anos, em favor de um paradigma que privilegie a autonomia e a solidariedade como valores centrais da educação.

Esse novo paradigma — como vir de vir, entender e agir-entender, penso eu, a integrar de forma convergente e sinérgica dois importantes avanços educacionais do século XXI: o ensino individualizado e o trabalho em grupo. O primeiro, como concretização e expressão dos ideais de autonomia; o segundo, como concretização e expressão dos ideais de solidariedade.

Não consigo ver os alunos, na escola do futuro, organizados em turmas, mas em grupos menores. Não consigo ver a escola organizada predominantemente em salas de aulas, mas em outros tipos de espaços. Não consigo ver o professor apenas como docente, mas como consultor e animador de processos individuais e grupos de aprendizagem/ensino.

Penso que está faltando entre nós uma instituição de espírito arrojado, de vocação pioneira, que se disponha a prefigurar nos

CRÔNICAS AO EDUCADOR, Ed. Paulus, 2001

dias de hoje a escola da próxima geração, a escola sem salas de aula. A escola que se baseie no aprendizado individual e no trabalho em grupo.

Uma escola cujo coração fosse a biblioteca e os terminais de computador, em que as salas de aulas fossem substituídas por espaços individuais de estudo e espaços de trabalho em grupo, em que os alunos fossem caçadores de conhecimento (treinados no autodidatismo e no trabalho em equipe) e os professores, consultores e animadores de processos individuais e grupais.

Eu antevio essa escola organizada — como o preconiza o jeito salcristiano de educar — em torno de três grande eixos:

- a docência, compreendida não apenas como aula, mas como busca sistemática e conjunta do conhecimento, ou seja, o aprender a conhecer e o aprender a fazer;
- as práticas e vivências, como atividades voltadas para o aprender a conviver (sociabilidade, ética, solidariedade, cidadania);
- a assistência-presença, entendida como o estabelecimento de relações de qualidade entre educadores e educandos baseadas na abertura e na reciprocidade, de modo que se propicie o desenvolvimento da identidade, da auto-estima, do autoconceito, da autoconfiança, da autodeterminação e do projeto de vida (aprender a ser).

Seria importante que algum pioneiro criasse e fizesse funcionar uma escola nessa linha, para que ela pudesse prefigurar o futuro, antecipando-o e, de exerce-se influência construtiva e aceleradora sobre o presente. Enquanto isso, nosso maior e mais importante desafio continua sendo melhorar o que acontece na sala de aula, pois esse é o caminho certo para que um dia tenhamos condições de superá-la de forma definitiva.